

## A PERCEPÇÃO DO RISCO DE GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

MARIA APARECIDA DA SILVA<sup>1</sup>

ALICE APARECIDA BATISTA<sup>2</sup>

JULIANA PARREIRA DE OLIVEIRA<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este estudo teve como objetivo identificar e descrever a percepção que a adolescente tem do risco de gravidez a partir da análise dos relatos manifestados pelo grupo participante da pesquisa. Trata-se de um estudo qualitativo cujos relatos foram obtidos por meio de entrevista semi-estruturada e individual, com perguntas abertas sobre o assunto, tendo como sujeitos nove adolescentes em período gestacional, inscritas no programa de pré-natal em um Hospital Filantrópico de Anápolis-GO, onde as informações foram coletadas nos meses de fevereiro a março de 2002. Da análise dos discursos, emergiram três categorias assim nomeadas: O impacto da gravidez na adolescência, a percepção do risco de engravidar e, a enfermagem no processo educacional da adolescente. A análise permitiu desvelar que as adolescentes, inicialmente, identificam o risco de engravidar, mas o ignoram. Porém, ao passar pela experiência, reconhecem o risco como real, levando-as ao testemunho no sentido de alertar outras adolescentes que experienciam situações semelhantes.

**Palavras-chave:** Adolescente; Risco de gravidez; Gravidez na adolescência; Sexualidade na adolescência.

## THE PERCEPTION OF THE RISK OF PREGANCY IN THE ADOLESCENCE

**ABSTRACT:** This research aimed to identify the perception that the adolescent has about the risk of pregnancy from the analysis of the accounts of the group that participated of the research. It is a qualitative study whose accounts were obtained through semi-structured and individual interviews, with open questions about the subject. The subjects were nine adolescents in gestational period, they were enrolled in the pre-natal program in a Philanthropic Hospital in Anápolis – GO, where the information were taken in February and March 2002. From the analysis of the discourses, three categories emerged and were nominated as following: The impact of the pregnancy in the adolescence, the perception of the risk of being pregnant and the nursing in the educational process of adolescence. The analysis allowed to unveil that the adolescents identify the risk of being pregnant, but they ignore it. However, when they have the experience, they recognized the risk as real, giving their testimony in order to alert the other adolescents who experienced similar situations.

**Key Words:** Adolescent; Risk of pregnancy; Pregnancy in the adolescence.

---

<sup>1</sup>Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal de Minas Gerais. Enfermeira e professora do Departamento de Enfermagem da Universidade Católica de Goiás (UCG) e Pesquisadora do NEPSS. Relatora da Pesquisa. Contato: 62 281 37 34 / 227 10 95 - E-mail: [m.silva@ucg.br](mailto:m.silva@ucg.br)

<sup>2</sup> Enfermeira da área hospitalar e PSF.

<sup>3</sup> Enfermeira do PSF.

## **1 - INTRODUÇÃO**

Do ponto de vista do mundo adulto, a adolescência é caracterizada por uma fase da vida em que o adolescente é um ser em desenvolvimento e em conflito, pois atravessa uma crise que se origina, basicamente, em mudanças corporais, fatores pessoais e conflitos familiares, sendo considerado maduro ou adulto quando bem adaptado à estrutura da sociedade (Becker, 1993). Para Goldenstein (1995), a adolescência é uma palavra mágica, complicada e insinuante, pois pode significar tanto uma forma de crescimento como insatisfação e ansiedade.

Ao exercer sua sexualidade, a adolescente pode ser surpreendida com uma gravidez, e esse fato tem nos levado a refletir sobre a percepção que a adolescente tem do risco de uma gravidez, partindo da visão de que ela ainda está em processo de desenvolvimento corporal, mental e emocional, que atinge todas as classes sociais, econômicas e culturais (Dadoorian, 2000).

Assim, a gravidez, na adolescência, tem sido considerada por alguns autores como um dos maiores problemas da Saúde Pública, devido ao alto índice de gestações nesta faixa etária. De acordo com Brasil (1996), cerca de 16,94% dos nascidos vivos e registrados eram filhos de mães entre 12 e 19 anos, o que segundo Mandú (2000); Becker (1993) é um número considerável de adolescentes grávidas em nosso país

Diante do que os autores colocam e de acordo com a nossa observação cotidiana com adolescentes grávidas, questionamos: será que a adolescente tem a percepção do risco de uma gravidez quando inicia sua vida sexual? Como será que ela percebe esse risco? Qual a reação diante da percepção do risco?

## **2- OBJETIVO**

Identificar e descrever a percepção que a adolescente tem do risco de uma gravidez no início de sua vida sexual, na perspectiva de contribuir para esclarecimentos de dúvidas sobre o assunto, bem como, para a nossa reflexão e também de profissionais de saúde que lidam com a formação da adolescente, no sentido de apontar caminhos para envolvê-las nos programas educacionais destinados a esta faixa etária.

## **3- FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS**

Assim, este estudo insere-se em uma abordagem qualitativa, por nos possibilitar o estudo sobre as concepções das adolescentes grávidas a respeito do risco da gravidez ao considerarmos os pontos de vista mais relevantes.

Após autorização do Comitê de Ética, a coleta de informações foi realizada entre os meses de fevereiro e março de 2002 com nove adolescentes grávidas na faixa etária de 12 a 19 anos, no município de Anápolis-Go. A seleção destas adolescentes deu-se em um Hospital filantrópico que faz atendimentos a mulheres grávidas no programa de pré-natal.

A partir da organização da síntese dos significados, chegou-se aos pontos convergentes e divergentes, elaborou-se as categorias que significaram a experiência do grupo.

Dessa maneira, as categorias foram construídas a partir das explicações de Lüdke e André (1996) que propõem a elaboração de categorias descritivas, partindo das várias leituras dos relatos de forma indutiva para encontrar temas e temáticas mais presentes.

#### 4- RESULTADOS

##### Apresentação das participantes da pesquisa Anápolis-GO -2002

Participante da pesquisa	Idade	Estado Civil	Nível de escolaridade	Idade gestacional	Atividade profissional	Engravidou ou não na 1ª relação sexual
E 1	16	Solteira	1º grau incompleto	8 meses	Estudante	Já havia tido relação
E 2	18	Solteira	2º grau completo	6 meses	Estudante	Já havia tido relação
E 3	17	Solteira	1º grau incompleto	9 meses	Estudante	Já havia tido relação
E 4	16	Solteira	2º grau completo	4 meses	Estudante	Já havia tido relação
E 5	17	Solteira	1º grau incompleto	8 meses	Estudante	Já havia tido relação
E 6	18	Solteira	1º grau incompleto	8 meses	Estudante	Engravidou com 1ª relação
E 7	14	Solteira	2º grau incompleto	5 meses	Estudante	Já havia tido relação
E 8	14	Solteira	1º grau incompleto	8 meses	Estudante	Já havia tido relação
E 9	17	Casada	2º grau incompleto	7 meses	Estudante	Já havia tido relação

Fonte: Dados de entrevistas realizadas com adolescentes grávidas do grupo de gestantes de um Hospital Filantrópico de Anápolis -GO.

##### O impacto da gravidez na adolescência

**“Medo”** - um dos sentimentos que veio em primeiro lugar como impacto ao terem conhecimento de que estavam grávidas, esse medo foi traduzido pelas incertezas, agitações e intranqüilidades que as adolescentes transmitiram em suas falas.

**“Responsabilidade”** – elas percebem a vulnerabilidade ao risco, porém só reconhecem após experienciarem a gravidez.

O sentimento de responsabilidade reflete no enfrentamento, tanto nos processos de transformação da adolescência quanto no cuidar da gestação, e, mais tarde, do bebê, o que não é tarefa fácil, pois representa uma sobrecarga de esforços físicos e psicológicos tão grande que, para ser bem suportada, necessitaria apoiar-se num claro desejo de ser mãe (Paccola, 2002).

*“Perda da liberdade”, “Abandono dos estudos”... “Rejeição”* do estado de prenhez, o distanciamento do grupo de amigos e a perda do estilo de vida, “natural” para a idade traduz o pensamento do grupo.

Viscott (1982) ressalta que os sentimentos mostram, se aquilo que a pessoa vivencia é agradável ou doloroso. Nesse caso, os sentimentos manifestados são contraditórios, pois, ao mesmo tempo se alegram e se entristecem com a gravidez, têm medo, mas, apesar de tudo, consideram-na *“aquela coisa boa...”*.

Sendo assim, para essas jovens-mães, a gravidez interrompe o processo de desenvolvimento próprio da idade, fazendo-as assumirem responsabilidades e papéis de adulta antes da hora, já que, em pouco tempo, ver-se á obrigada a dedicar-se aos cuidados maternos, como pode ser compreendido nas expressões *“... gravidez dá trabalho, tem que ser mais responsável...”*, *“...gravidez não é brincadeira, é muita responsabilidade...”*, o que nos permite afirmar que neste grupo a gravidez serviu como um despertar para o reconhecimento do risco de uma prenhez precoce.

### **A percepção do risco de engravidar**

- *A percepção do risco no imaginário* -significa que não ficariam grávidas, isto não lhes aconteceria.

Estas adolescentes conhecem algumas das formas de prevenção da gravidez, mas, por algum motivo, como por exemplo, o fato do *“namorado não gostar de usar camisinha”*, algumas delas se expõem ao risco de engravidar.

Veloso (1999) explica que as adolescentes agem pelo impulso e não têm responsabilidade suficiente para “transar” de maneira segura, pois não transferem esses conhecimentos teóricos sobre camisinha e outros métodos anticoncepcionais para a sua prática.

Segundo Paccola (2002), as adolescentes confiantes no “pensamento mágico” de que nada irá lhes acontecer, adotam atitudes de risco, como não usar camisinha. Isso pode ser ilustrado na frase de uma das entrevistadas: *“... era melhor sentir aquele medo do que usar preservativo que incomoda...”*, revelando contradição nas informações que detêm sobre o uso do método contraceptivo.

Nesse sentido, França e Maranhão (2002) lembra que, se as adolescentes sabem que sem o uso do preservativo ou de outro método anticoncepcional podem engravidar a qualquer momento, e ignoram este fato, parecem fingir que não sabem do risco que correm de uma gravidez indesejada.

Outro dado identificado na análise, que também contribui para a não percepção do risco de engravidar, são as informações equivocadas ou insuficientes a respeito dos métodos contraceptivos,

as quais permitem dizer que a desinformação sobre o método de contracepção que utilizam deixa-as mais expostas ao risco de engravidar, pois, na maioria dos casos, o exercício da sexualidade é aprendido na prática, cada vez mais cedo e em conversas informais com amigos (Gusmão, 2002).

Domingues (1999) afirma que o risco de contrair uma gravidez é ainda maior, pois, nessa faixa etária, existem alguns fatores relacionados à gravidez precoce como, por exemplo, a menarca cada vez mais cedo e, como conseqüência, a iniciação sexual ocorre cada vez mais cedo, levando em conta, ainda, a ausência de diálogo na família sobre temas como a educação sexual, bem como a falta de melhor orientação sobre esse assunto nas escolas, e o pensamento mágico que faz parte do desenvolvimento psicológico do adolescente, acreditando que nada de ruim poderá acontecer com ela, o que, na realidade, pode levá-lo, a uma exposição, ainda maior, ao risco de uma gravidez precoce indesejada.

- *A percepção do risco na experiência* - Após a experiência da gravidez, elas criticam as adolescentes que se expõem ao risco ao fazerem sexo sem o uso de métodos contraceptivos, o que mostra um certo aprendizado, embora com algumas contradições em relação ao que pensam sobre o assunto.

“*A gravidez na adolescência não é fácil*”, o que foi somente percebido após a experiência de engravidar.

De acordo com Becker (1993), as adolescentes nem sempre conseguem justificar suas idéias, surgindo, então, as contradições que são resolvidas por novas idéias, novas concepções e modificações importantes em seu comportamento. Foi observado, nas entrevistas, que as adolescentes mostram uma mudança de pensamento após passarem pela experiência, e que, hoje, optam pelo não arriscar-se e, além de criticar, alertam “*as outras*” adolescentes que não fazem sexo seguro.

Após experienciarem o risco de engravidar, estas adolescentes sentem-se mais reflexivas e reconhecem o risco real a partir da gravidez, não mais no imaginário, e assim, definem um limite ao risco no cotidiano, pois, segundo Rodrigues (1999), a mudança de atitude só é eficaz e duradoura quando, o próprio indivíduo, em quem se opera a mudança, criar razões próprias e coerentes com a que se propõe.

### **A enfermagem no processo educacional da adolescente**

As adolescentes manifestam um certo desejo de ampliar os seus conhecimentos em relação aos métodos contraceptivos, pois, a maioria delas explicita que os métodos de contracepção ficam restritos à “*camisinha e a anticoncepcional*”, apenas uma ou outra relata que as adolescentes já adquiriram “*conhecimento suficiente*” por intermédio de outras pessoas e que, portanto, só depende da “*conscientização delas*”.

Destaca-se a importância da participação do profissional enfermeiro na educação sexual da adolescente, uma vez que o conhecimento que elas detêm, em relação à sexualidade e aos métodos contraceptivos, é limitado, sendo possível fazer a leitura de uma visão superficial de como evitar a gravidez. É possível que esses conhecimentos estejam sendo transmitidos de forma simplificada e elas “*sabem*” que a “*camisinha e o anticoncepcional*” previnem, mas não entendem o mecanismo.

Convém lembrar que a Organização Mundial de Saúde (OMS), segundo Brasil (1990), afirma que existe pouco envolvimento de jovens em qualquer programa ou serviço educacional, fornecido para esta faixa etária. Isso faz que eles não tenham orientações e informações adequadas sobre sexualidade.

Brasil (1996) enfoca que as adolescentes engravidam sem planejamento, por falta de informação, difícil acesso a serviços especializados, desconhecimento de métodos anticoncepcionais e, muitas vezes, à procura de uma relação afetiva, de um objeto de amor ou, tão somente devido à experimentação sexual.

Santos e Silva (2000) dizem que é preciso vencer preconceitos, entender que as adolescentes vivem em uma fase de experimentações, que podem ter uma atividade sexual e é função do enfermeiro entender não só o ato sexual mas todo o processo da adolescência, porque a sexualidade faz parte da vida, e a adolescente tem necessidade de receber a orientação para não se sentir desamparada no início de sua atividade sexual.

## **CONSIDERAÇÕES**

A análise nos permitiu, identificar e descrever que as adolescentes manifestaram um certo desejo de ampliar seus conhecimentos em relação aos métodos de contracepção; por isso entendemos que é importante a participação dos pais, professores e enfermeiros na educação sexual dessas adolescentes. No entanto sabemos que para que isso se concretize, é necessário criar estratégias de capacitação para os estes profissionais, no sentido de prepará-los para envolver as adolescentes nos programas educacionais afim de possibilitar a esta faixa etária um melhor conhecimento do seu próprio corpo e também dos métodos contraceptivos de maneira interligada com suas próprias vidas, considerando suas deficiências e facilidades, para reduzir os riscos de uma gravidez precoce. É preciso, então, garantir o acesso às informações de todos os métodos contraceptivos para que as adolescentes possam conhecer, discutir, escolher, enfim, negociar o melhor método para si próprias.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BECKER, Daniel. **O que é a adolescência**. São Paulo: Brasiliense, 10. ed., 1993. 96 p.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Programa de Saúde do Adolescente - Prosad**. Bases Programáticas. 2. ed. Brasília, 1996.

DADOORIAN, Diana. **Pronta para voar: um novo olhar sobre a gravidez na adolescência**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. 173 p.

DOMINGUES, José. **Fatores Etiológicos Relacionados à Gravidez na Adolescência: Vulnerabilidade à Maternidade**. In: CANNON, Lucimar Rodrigues Coser. Cadernos Juventude Saúde e Desenvolvimento. Brasília: Ministério da Saúde, 1999. p. 223-229.

FRANÇA, T. & MARANHÃO, N. **Adolescentes ignoram anticoncepcionais e o número de mães jovens aumenta**. <http://www.bireme.br/bvs/adolec/P/news/2002/01/1824/metodosa/001.htm>

GOLDENSTEIN, Eduardo. **Adolescência: a idade da razão e da contestação**. São Paulo: Gente, 1995. p. 100

GUSMÃO, Omar. **Mídia não sabe falar de sexo para público jovem**. <http://www.bireme.br/bus/adolec/p/news/2002/03/1622/sexualid/002.htm>

GUSMÃO, Omar. **Educação sexual é o ponto fraco da escola e da família**. <http://www.bireme.br/bvs/adolec/P/news/2002/03/0915/sexualid/001.htm>

LÜDKE, M. & ANDRE, M. E. E. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. 99 p.

MANDU, Edir Nei Teixeira. **Gravidez na Adolescência: um problema?** In: RAMOS, Flávia Regina Souza et. al. Projeto Acolher: um encontro da enfermagem com o adolescente brasileiro. Brasília: ABEN/Governo Federal, 2000. p. 94-97.

MANDU, Edir Nei Teixeira. **Adolescência: Saúde, Sexualidade e Reprodução**. Adolescer: compreender, atuar, acolher. Projeto Acolher/Associação Brasileira de Enfermagem. Brasília. ABEN, 2001-69 p.

PACCOLA, Carina. **Pensamento Mágico estimula comportamento de risco entre jovens**. <http://www.bireme.br/bvs/adolec/P/news/2002/02/0922/emocoesc/001.htm>

RODRIGUES, A. **Psicologia social para principiantes: estudo da interação humana**. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 1999. 120 p.

SANTOS, Inês. M. Meneses dos; SILVA, Leila Rangel da. **Estou grávida, sou adolescente e agora?** In: RAMOS, Flávia Regina Souza et. al. Projeto Acolher: um encontro da enfermagem com o adolescente brasileiro. Brasília: ABEN/Governo Federal, 2000.

VELOSO, B. et al. **Pressa de amor: entre o medo e o desejo**. Rev. Época. Ano I, n. 47, abril. 1999. p. 48-55.

VISCOTT, D.S. **A linguagem dos sentimentos**. 13. ed. Trade. Luiz Roberto S.S. Malta. São Paulo: Summus Editorial, 1982.135 p.